

## Sobre *VATEMAGO*: O LIVRO, LIVRE

*Roberto Pontual*

*Trata-se de um longo ensaio do teórico e crítico de arte Roberto Pontual sobre a poesia experimental, publicada originalmente na revista VOZES, ano 65, n. 3, abril 1971, p. 193-206. Extraímos a parte 8 do referido texto, em que analisa a poesia poeoespacial de Antonio Miranda, experiências vanguardistas do início da década de 1960.*

8. Por volta de 1960, atuavam entre nós, além dos grupos concreto e neoconcreto, outros grupos e pessoas mais ou menos ligados ao trabalho de romper com os sistemas tradicionalmente seculares do livro e da leitura. Deles, os *poeoespacialistas* sempre me pareceram os mais inventivos e radicais na criação de novas zonas de pesquisa, apesar de hoje estarem encerrados em completo esquecimento.

Tratava-se de um grupo estranho, a ponto de eu acreditar, atualmente, que muitos de seus participantes (a quase totalidade dos que constavam como nomes nos catálogos), não passavam de heterônimos de Antonio Miranda (que, por sua vez, se assinava **da, nirham: eRos**) e Carlos Alberto. Mas pelo menos **eRos** não era fantasma; ao contrário, conheci-o bem como capaz da mais ininterrupta, exigente e múltipla criatividade. Disponho de toda uma série de seus textos teóricos e projetos verbovisuais, entre os últimos inclusive o **Vatemago** (1961): conjunto de interessantíssimas pesquisas de ludismo com a palavra ou a letra no espaço, acionadas pelo caráter simbolicamente alusivo do movimento proposto em cada uma delas, com suas respectivas conseqüências de linguagem.

Há muita coisa ali oriunda do *Livro Infinito*, de Reynaldo Jardim, do *Livro da Criação*, de Lygia Pape, ou dos não-objetos verbais de Ferreira Gullar e Osmar Dillon; no entanto, **eRos** levava o ludismo de seus processos em projeto – acrescido do uso de variados materiais: papéis brancos, em cores, transparentes, enrugados; papelões, metais, filmes velados ou cortiças – a um ponto de inventividade tal que sua fala terminava bastante personalizada. Era, sobretudo, um

mágico (o não muito agradável título **Vatemago** revela sua consciência disto), tirando de suas caixas da imaginação as surpresas quase infantis do prazer de recriar as palavras no mecanismo de novos espaços expressivos. Partindo da palavra inicialmente percebida no seu todo – *paginação*, sobre a placa branca e ainda muda – a ação do operador fazia nascer, de um lado a página, ao centro o objeto paginado (como um foguete na sua plataforma de lançamento, pronto para o vôo) e do outro lado a fonte e resíduo de tudo: ação. *Calendário* abria-se subitamente em lendário palácio oriental de papel de seda vermelho. *Coberta* passava a *descoberta* no momento em que se puxava a área quadrada de filme velado cobrindo esta última. E tantos outros ludopoemas visuais: campo intenso de ler diferente.

Daí meu assombro quando pude conhecer o *Index*, de Andy Warhol (que, significativamente, coloca entre parêntesis o rótulo *book*, no frontispício dessa obra publicada em 1967, nos EUA. Ali, algumas das soluções desenvolvidas por Warhol, como excepcional de arte gráfica, aproximavam-se dos projetos esboçados por **eRos** seis ou sete anos antes, no mesmo sentido de uma página-superfície que de repente, por um passe de prestidigitação, se transforma em tridimensionalidade. Das sucessivas páginas ou unidades do *Index* brotam (não mais de modo apenas figurado, porém como surgimento real e concreto) pequenos aviões, castelos e cavaleiros medievais, incômodos saltos de sólidos, latas (em papel) de suco de tomate, balões infláveis de plástico, sanfonas vermelhas de som.

O paralelismo de processos não significa, evidentemente, que Warhol tenha conhecido e se apropriado das invenções precedentes de **eRos**; significa, isto sim, que **eRos**, em um país subsidiário como o nosso, inventou *antes* que o mesmo ocorresse, alguns anos mais tarde, no país de cultura dominante. Assim, era como se em determinado momento tivéssemos deixado de importar fórmulas fora fabricadas.